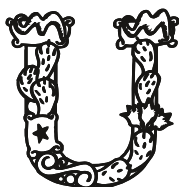
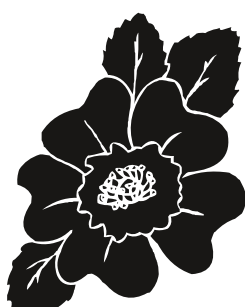


RE  
VIS  
TA



2<sup>da</sup>  
Edição



fevereiro\_2026

CEBB MENDJILA  
CANELINHA  
SANTA CATARINA  
BRASIL

28 DE FEVEREIRO DE 2026  
ANO DO CAVALO DE FOGO

REVISTA  
**LUDICIDADES**  
VOLUME 2

EDIÇÃO,  
DESIGN E  
FRACTAIS  
FEITOS POR  
ZIÃO CLARICE DIONÍSIO



## EDITORIAL

ZIÃO CLARICE DIONÍSIO

ENTREVISTA COM  
TAMARA R. PATO

OLHE PARA  
ESTE DIA  
KALIDASA

BUDA EM GLÓRIA  
RAINER MARIA RILKE

ENTREVISTA COM  
AUGUSTO BERMOND

UM INSETO  
VEIO DE LONGE  
HUGO REIS







# EDITORIAL

ZIÃO CLARICE DIONÍSIO

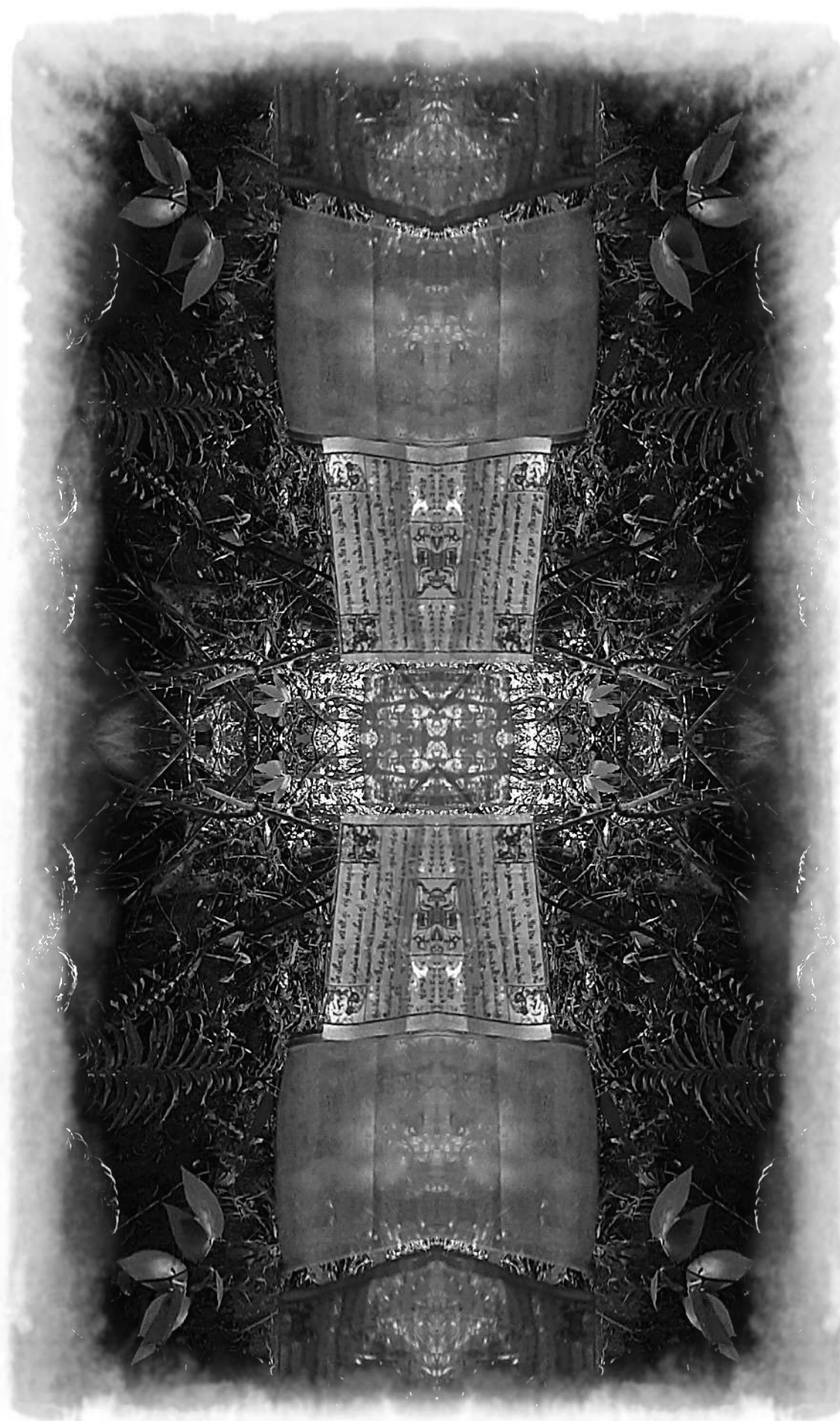
Oi :) Esta é a 1ª obra da Tropicalversos a ser feita fora de Colatina (ES)... Estou há pouco mais de uma semana no Centro de Estudos Budistas Bodisatva em Canelinha (SC), onde fui muito bem recebido pela comunidade...

Após acompanhar os ensinamentos do Lama Padma Samten por onze anos à distância, é uma grande alegria estar aqui, e ao mesmo tempo o coração já está cheio de saudade da pessoa que mais amo no mundo: meu filho Raul...

Esta edição só foi possível graças aos apoiadores do [apoia.se/tropicalzin](http://apoia.se/tropicalzin) e das mecenas M. Isolina de C. Soares, Nadie, Suely S. Zanotelli, Olney Braga, Augusto Bermond, Pedro Passamani, Gil Fábio de Souza, Mayra Braga, Patricia Muñoz, Jefferson Santos, Neuza Vollet e Brett Kline...

Mais uma vez, muito obrigad@!...

Boa leitura... :)





# OLHE PARA ESTE DIA

KALIDASA

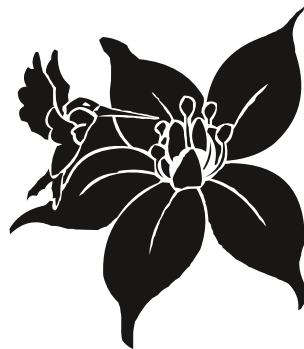
Olhe para este dia:  
Pois ele é a vida, a própria vida da vida.  
Em seu breve curso  
Estão todas as verdades  
e realidades da sua existência.  
O êxtase do crescimento,  
A glória da ação,  
O esplendor da realização  
São apenas experiências do tempo.

Pois ontem não passa de um sonho  
E amanhã é apenas uma visão;  
E o hoje bem vivido torna  
Ontem um sonho de felicidade  
E cada amanhã uma visão de esperança.  
Portanto, olhe bem para este dia;  
Essa é a saudação ao sempre novo amanhecer!

KALIDASA FOI UM POETA E DRAMATURGO INDIANO  
QUE VIVEU ENTRE O SÉCULO 4 E 5







# ENTREVISTA COM TAMARA R. PATO

POR ZIÃO CLARICE DIONÍSIO

TAMARA R. PATO É UMA PRATICANTE BUDISTA MORADORA DE JOINVILLE (SC) QUE GOSTA DE DESENHAR E ESCREVER.

É AUTORA DOS LIVRINHOS "ERA UMA VEZ UM PRÍNCIPE", "ERA UMA VEZ UM REI", "ERA UMA VEZ UM BEBÊ", "ERA UMA VEZ UMA POBRE SENHORA" E "ERA UMA VEZ UMA PESSOINHA".

De onde vem as inspirações para as historinhas que você escreve e desenha?

Elas vêm de pensamentos que passam na minha cabeça quando ouço os ensinamentos do Lama Padma Samten e tento refletir como enxergo isso na minha vida, e aí surgem as historinhas...

Muitas vezes o lama também diz que o Buda tentava ajudar as pessoas a compreender melhor os ensinamentos através de histórias, e conta alguma história que o Buda contou para as pessoas...

## Quando você começou a desenhar?

Quando eu era pequena e tava mais ou menos no colegial, lembro que eu desenhava durante as aulas...

Eu era uma boa aluna, mas comecei a gostar muito de jogar volei e focar muito nisso, então minhas notas começaram a cair e a minha mãe me mudou de colégio. Eu não gostei, mas não tinha escolha.

Nas aulas nessa nova escola eu achava que já tinha entendido a matéria mas mesmo assim precisava ficar lá ouvindo o professor, então eu comecei a desenhar para matar o tempo...

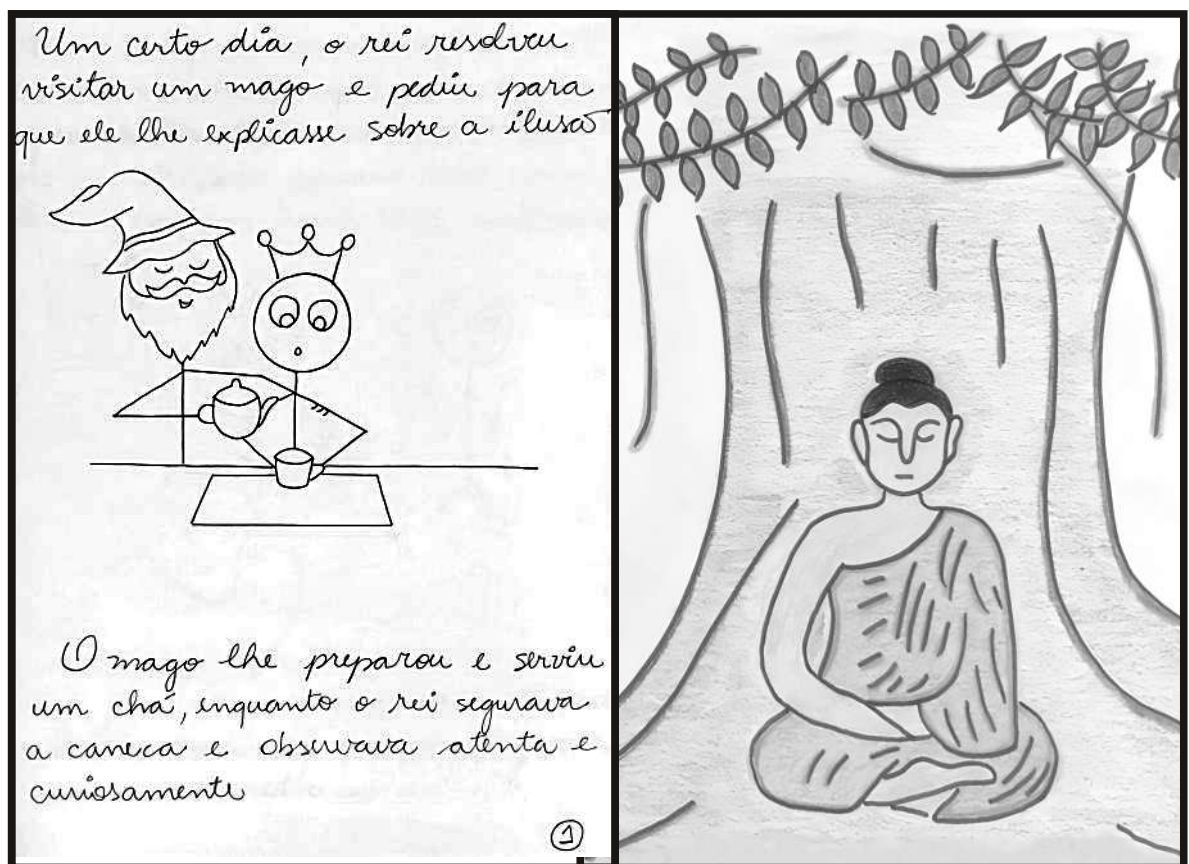
Na época tava tendo aqueles filmes da Disney, e eu sempre gostei de coisas de criança e filmes de animação, e eu amava o Rei Leão. Eu tinha o álbum de figurinhas do Rei Leão e desenhava as figurinhas no papel durante as aulas.

Meu pai também me dava muita história em quadrinho para ler quando eu era pequena. Ele incentivava a nossa leitura assim, e eu adorava a Turma da Mônica. Eu dizia que queria ser desenhista da turma da Mônica quando eu crescesse. Isso foi antes da adolescência, quando eu era criança mesmo.

Depois eu fui eh pra faculdade e parei de desenhar, nunca mais desenhei e eu esqueci disso... Então passei por uma dificuldade que foi o meu divórcio, foi um momento muito triste e

comecei a ir numa psicóloga. Eu queria agradecer o que ela tinha feito por mim, mas não queria dar um presente comprado, achava isso muito chato, então resolvi fazer um desenho.

Nesse desenho coloquei de um lado as coisas que faziam eu me sentir feliz, que incluíam a psicóloga, o budismo, a religião... Eu tinha acabado de conhecer o budismo, mas já gostava muito de ir na igreja, e estava frequentando palestras espíritas... também incluí os esportes que eu gostava muito, os meus amigos, minha família... E do outro lado desenhei todas as coisas que faziam eu me sentir mal, tinha até um coração partido...



PÁGINA DE "ERA UMA VEZ UM REI" (ESQUERDA) E DESENHO DE "ERA UMA VEZ UM PRÍNCIPE" (DIREITA).

Eu gostei de ter feito isso, me senti bem, foi uma forma de expressar meus sentimentos e de ao mesmo tempo agradecer alguém.

Aí eu comecei a frequentar o CEBB, a ouvir os ensinamentos, e a fazer uns desenhos relacionados com o com o budismo. Eu não entendi nem metade do que o lama falava, mas alguma coisinha que eu entendia ou que eu achava que entendia eu tentava colocar no papel através de um desenho.

E assim foi fluindo, sabe? Comecei a ouvir cada vez mais e a desenhar mais também.

Um tempo atrás, por volta de 2021, fiz um desenho da Roda da Vida que gostei muito, daí coloquei num quadro e dei de presente pro Rafa que é tipo meu padrinho do CEBB. Mas não consegui me desapegar totalmente então fiz um imã de geladeira com a imagem.

**Como é a experiência de estar em um templo budista e contemplar as imagens presentes nele?**

A experiência de estar em templos com pinturas é maravilhosa. Já estive em vários CEBB e conheci vários templos, mas o lugar que sinto uma coisa maravilhosa é o templo do Caminho do Meio porque é onde todas as paredes são pintadas, e aquilo tudo é mágico. Sinto uma energia, uma coisa muito louca... Tem os olhinhos do Buda também na janelinha... Tem um magnetismo, é incrível...



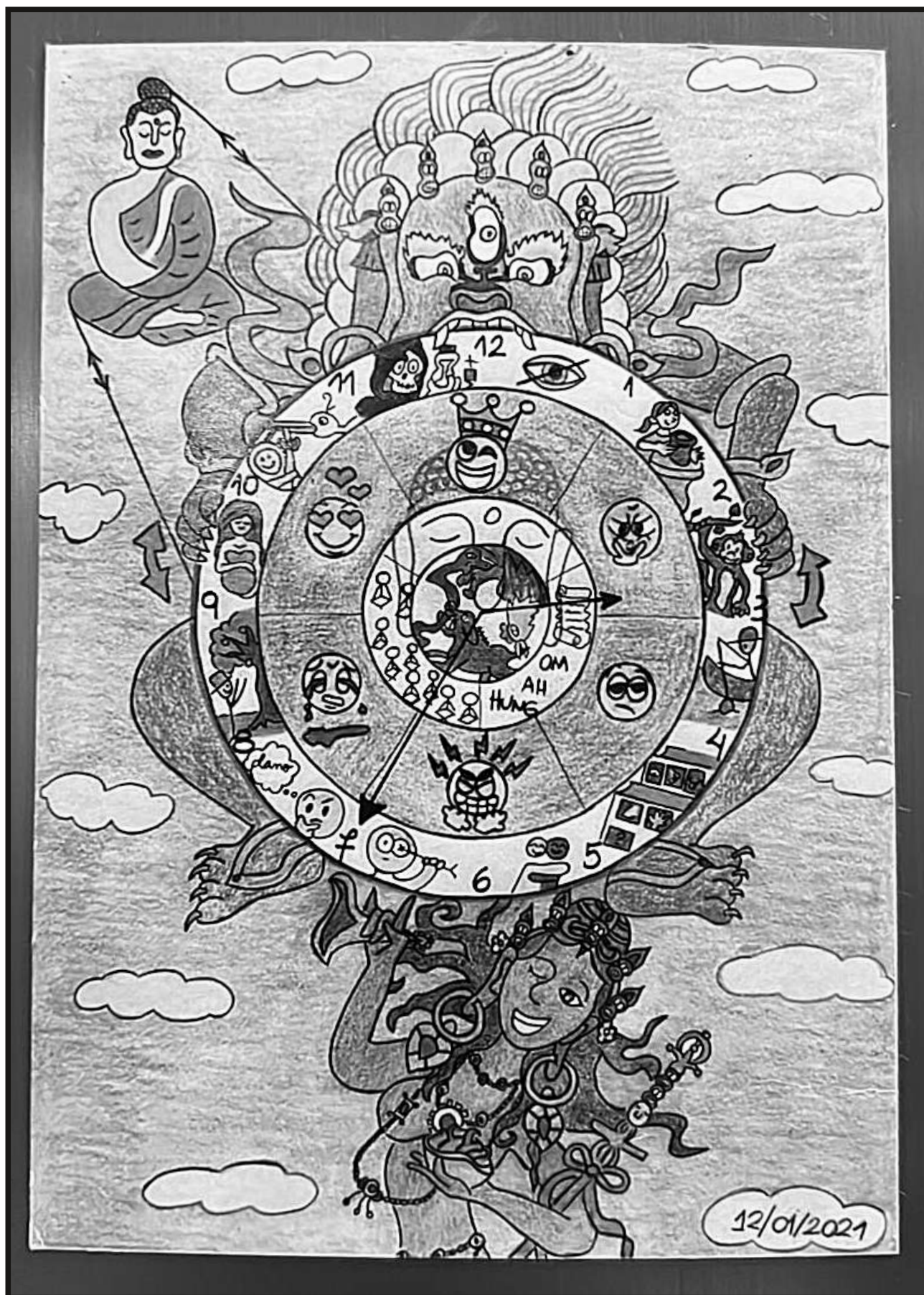
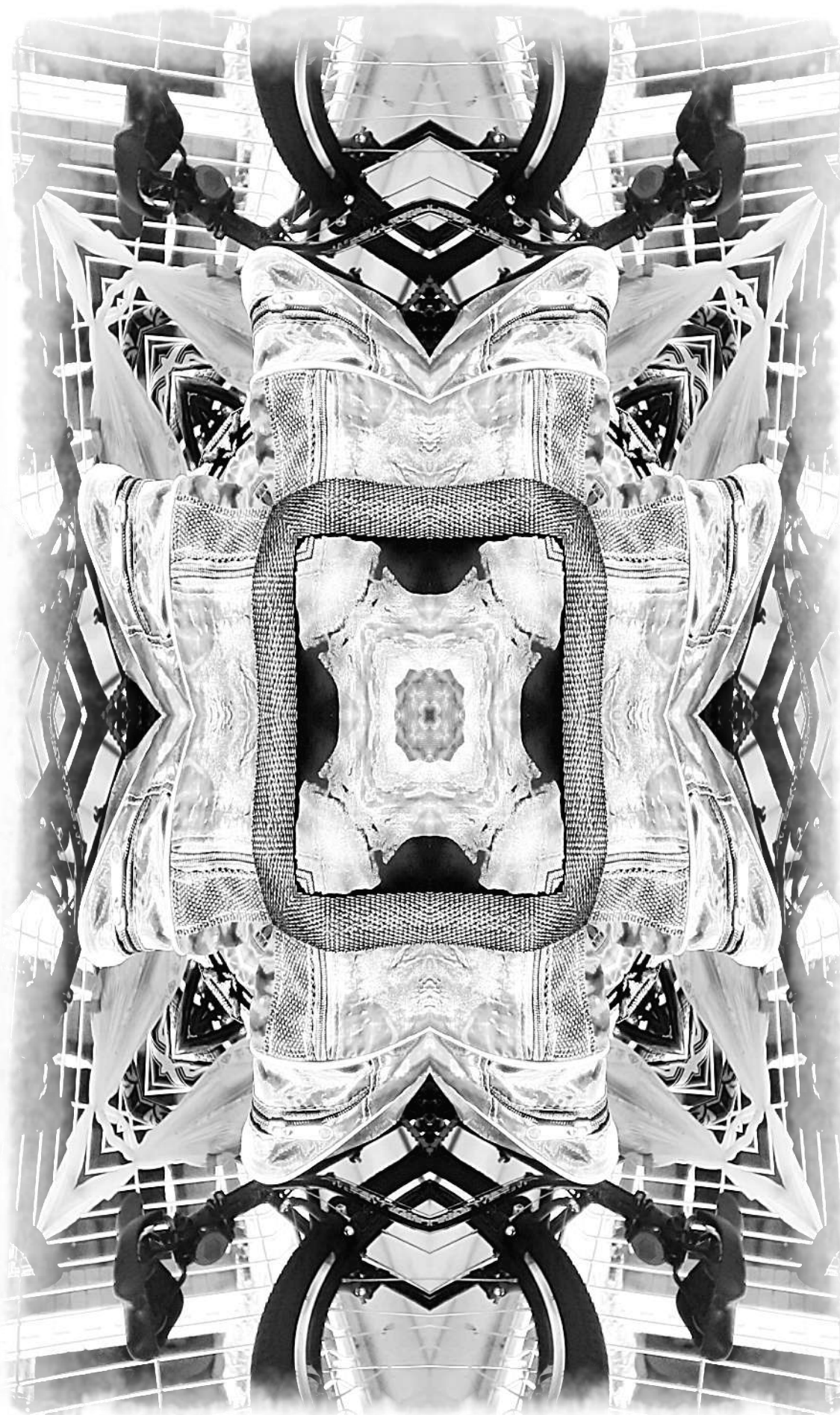
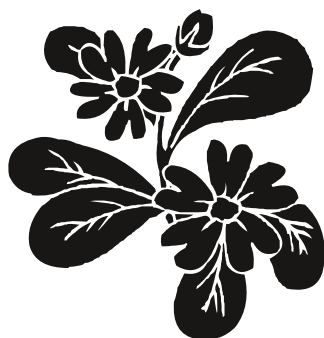


ILUSTRAÇÃO DA RODA DA VIDA POR TAMARA R. PATO







# BUDA EM GLÓRIA

RAINER MARIA RILKE

Centro de todos os centros, núcleo dos núcleos,  
amêndoa fechada em si mesma  
e cada vez mais doce —  
todo este universo, até as estrelas mais distantes  
e tudo além delas, é sua carne, seu fruto.

Agora você sente como nada se prende a você;  
sua vasta concha se estende  
até o espaço sem fim,  
e lá os fluidos ricos e espessos se elevam e fluem.  
Iluminados em sua paz infinita,

um bilhão de estrelas giram através da noite,  
brilhando bem acima de sua cabeça.  
Mas em você está a presença que  
existirá quando  
todas as estrelas estiverem mortas.

RAINER MARIA RILKE NASCEU NA ÁUSTRIA EM 1875  
E FALECEU NA SUÍÇA EM 1926





# ENTREVISTA COM AUGUSTO BERMOND

POR ZIÃO CLARICE DIONÍSIO

AUGUSTO BERMOND É UM ESCRITOR E PSIQUIATRA COLATINENSE QUE ADORA OS ANOS 80, FREQUENTA KARAOKÊS, É FÃ DE U2, MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS E ARTES DE COLATINA, PAI DE GÊMEAS, DENTRE OUTRAS COISAS...

Gostaria de começar te pedindo para falar do seu livro Agente 49, que tem uma jogabilidade, uma dinâmica, em que o leitor faz parte da aventura... Conta pcomo foi a inspiração e o processo de construção da obra? Quais obras desse estilo te inspiraram ao longo da vida e estiveram com você no momento em que você escrevia?

Para mim os anos oitenta foi uma época recheada de personagens cativantes, histórias fantásticas e um poço sem fim de criatividade. Talvez porque houve uma convergência única de histórias em quadrinhos, televisão e videocassete, numa época que não sonhava com internet.



Comecei escrevendo histórias dos personagens infantis da época: Turma da Mônica, Marinheiro Popeye, dentre outros. Mas já em 1983, fui atraído pelo universo dos super-heróis Marvel, e passei a colecionar todo tipo de revista do gênero da editora abril: Heróis da TV, Superaventuras Marvel, Homem-Aranha, Capitão América e o Incrível Hulk.

As histórias Marvel já delineavam um tipo diferente de enredo, ao invés de histórias com início e fim na mesma revista, elas se interconectavam com outras revistas. Por exemplo, uma história do Homem-Aranha poderia não terminar na mesma revista e ter sua sequência, digamos, finalizada na revista Superaventuras Marvel do próximo mês, onde o Aranha travava um encontro com o Demolidor.

Esse tipo de sequência já era um “ineditismo” da época. E me servia como fonte de inspiração. Quando criava e desenhava minhas próprias HQs, minhas histórias se cruzavam com as outras revistas que escrevia.

Também se contrapondo a ideia de uma narrativa linear dos fatos, o primeiro filme que assisti em VHS, “O Império Contra-Ataca” era o episódio V de uma sequência iniciada com o episódio IV de 1977. O primeiro filme da série só seria lançado em 1999.

Mas o cabedal para o processo criativo do livro Agente 49 veio com a leitura de alguns livros da série “enrola e desenrola”, da Ediouro.

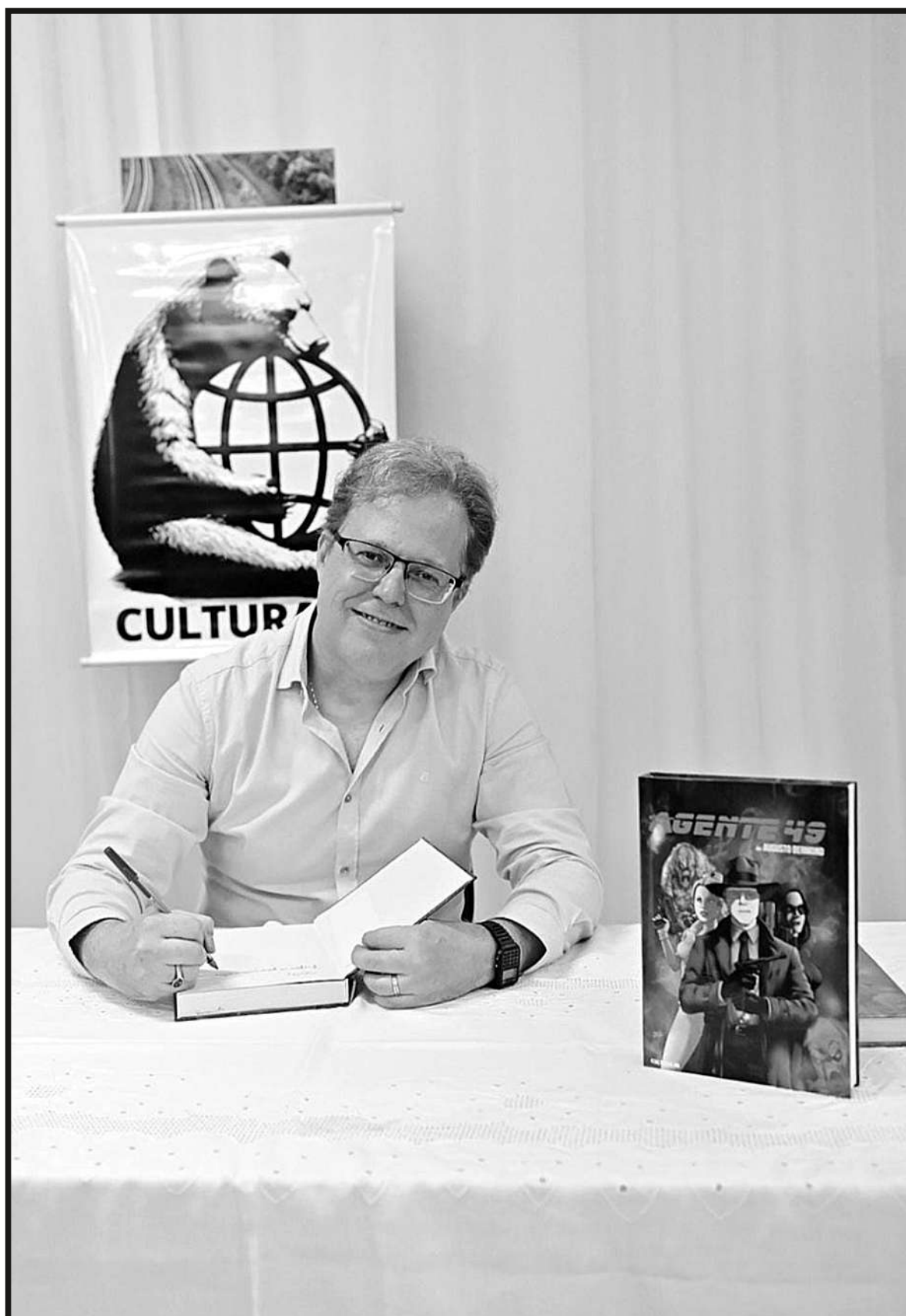
Nesta coleção de livros, o leitor era convidado a construir sua própria narrativa, a partir de decisões a serem tomadas ao longo da história, e com isso, chegar a algum final feliz... ou não. Foi meu primeiro contato com esse tipo de livros-jogo.

O Vingador do Video, A Espada de Ouro e os Dragões, A Gruta do Tempo, foram alguns dos gamebooks da época que inflaram a imaginação.

Tanto que em 1986 escrevi meu primeiro conto assim: “A casa Assombrada” brincava com esse estilo, no qual o leitor decidia os passos a tomar, se encontrava alguém na casa, se dormia ou ficava acordado, etc.

Esse estilo de narrativa não é tão fácil de ser construído. Na verdade, várias histórias diferentes são construídas, e tem de haver um ponto em comum entre elas, para que o leitor tome suas decisões. E, mais do que isso, um cuidado zeloso para a narrativa não se perder e ocorrer algum “furo” na lógica da história.

Mantinha sempre uma “tabela” por perto para poder traçar as linhas temporais do Agente 49 e não me perder pela história. Apesar da ideia aqui ser essa mesmo, que o leitor “se perca” ao longo desse labirinto literário (risos).



AUGUSTO NO LANÇAMENTO DO LIVRO AGENTE 49,  
REALIZADO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE COLATINA

Poderia falar sobre a sua loja temática dos anos 80? Nela tem alguns videogames antigos, gostaria de saber também sobre isso, como foi sua experiência com jogos durante a vida?

O interessante é que quando conheci os videogames eles eram só uma atração a mais na casa dos amigos. Em outras palavras, ninguém se reunia exclusivamente para ficar em frente a um aparelho de TV. Além das brincadeiras tradicionais da infância como brincar de pique, carrinhos, folhear revistas, jogos de tabuleiro, dentre outras, lá estavam eles: os videogames.

Meu primeiro contato com a brincadeira eletrônica se deu ao redor de 1983. Três irmãos, que moravam em frente a meu apartamento, possuíam um Gemini da Coleco importado, ou seja, um dos aparelhos clone do Atari na época. Lembro bem da magia daqueles jogos simples e cativantes com seus gráficos brilhantes uau! O incrível acontecia: o controle de tudo estava em nossas mãos! Num momento eu podia ser um Smurf, e salvar a smurfete. Logo a seguir me tornava um simpático ratinho em Mouse Trap, fugindo de gatos raivosos. Por fim, exercitava minha pontaria numa estande tiro ao alvo de parque de diversões, em Carnival.

Sem poder ter um aparelho desses, usei a imaginação: criei meu videogame numa caixa de papelão, com os cartuchos e jogos, também numa tela de papel. Quando faltam recursos, sobra a criatividade!





## O "VIDEOGAME" DE PAPELÃO FEITO POR AUGUSTO NA ÉPOCA

Para minha sorte conheci na casa do amigo Leonardo Osório outro sistema de jogos, esse já presente nas lojas brasileiras. O vídeogame da Phillips, Odyssey, impressionava não pelo visual dos jogos, mas sim pelos desenhos estampados nos cartuchos.

De carros de corrida a naves espaciais, passando pelas simpáticas Tartarugas, pelas Abelhas Assassinas, pelo Senhor das Trevas, chegamos a uma quimera produzida pela época: o jogo Em Busca dos Anéis Perdidos misturava a aventura da tela da TV com um tabuleiro para jogos que vinha no combo. Funcionava assim: o jogo físico era uma representação, um mapa do reino. Usávamos cartas e dados até cair em algum lugar especial, como um calabouço ou castelo;

dai por diante, corríamos para a tela e jogávamos o desafio daquele nível.

Foi um jogo revolucionário pois antecipou a chegada dos RPGs que viriam logo a seguir.

E o Atari? Na casa do amigo Leônidas Fachetti, tive meu primeiro contato com esse “Darth Vader”. Sim, o console é todo negro, com ranhuras que lembram o vilão de Guerra nas Estrelas. Mas a comparação para por aí. O vídeo-game mais famoso da história não tem nada de vilão. Pelo contrário, ele te transformava no herói das aventuras mais saborosas daquela época: Pac-Man, Enduro, River Raid, Hero, Pitfall, Missile Command... Muitas vezes tínhamos de apertar os cabos para os controles (com um botão cada) funcionarem bem, ou “soprar” os contatos dos cartuchos para poderem encaixar bem no console.



VIDEOGAME ODYSSEY, LANÇADO PELA PHILIPS

Nada disso tirava o brilho dessas fantásticas máquinas de sonhos dos anos 80.

Disparadamente o Atari foi o console mais difundido. Só tive o meu mesmo no final da década. Invariavelmente corríamos para a casa dos amigos que tinham fitas, digamos, “raras” para os padrões da época.

Os amigos New e Teen encomendavam essas preciosidades. Como era impressionante (e agora até em termos gráficos) jogar James Bond, Montezuma’s Revenge. Nesse mesmo “templo dos games”, conheci a evolução dos consoles (e por consequência, da estrutura dos jogos): O Amiga, da Commodore, uma transição importada para os computadores, e o MSX2.

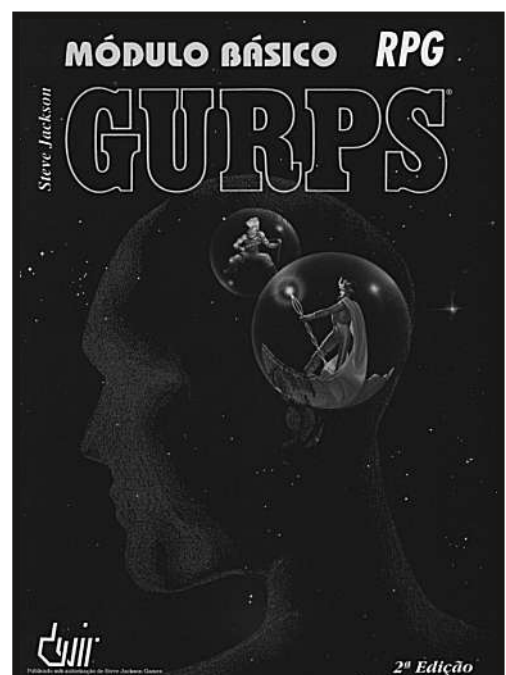
Nessa época já estávamos em outro patamar de jogos, como Castlevania e Carmen Sandiego. Os vídeogames possuíam desenhos e estrutura de jogabilidade mais sofisticados que seus irmãos predecessores, o que marcaria a tônica da década seguinte. Aqui já falamos de disquetes e fitas cassetes que carregavam os jogos em gravadores.

Nunca fui de frequentar fliperamas, mas havia um ao lado da Caixa Econômica de Colatina, na época, o “Bar do Santinho”, que possuía algumas máquinas, nas quais nos debruçávamos no final do dia para jogar Commando, 1942, Kung-Fu Master, dentre outros...

Já adentrando os anos 90, tive contato com o GURPS, um RPG de mesa, com proposta totalmente diferenciada para os padrões da época. Jogávamos sempre em muita gente, e horas se passavam até finalizarmos alguma etapa do jogo. A decisão que cada um tinha de tomar, e a responsabilidade a arcar, tornavam a proposta inédita. Mas com minha partida de Colatina em 1993, pesou mais na mala (e no coração) as emoções daqueles primeiros e marcantes jogos da infância e adolescência...

Quando fiz a proposta da loja Anos 80, em 2018, obrigatoriamente tinha de resgatar essa memória afetiva tão vinculada à época, essa linguagem que só os vídeo games de 8 bits podem nos oferecer. Na loja, os clientes experimentam, ao redor de fitas VHS, as aventuras oferecidas pelos principais cartuchos do Atari e Odyssey. Tudo original da época! Uma preciosidade que traz lágrimas aos que vivenciaram tudo isso, e arranca sorrisos daqueles aos quais foram apresentados pela primeira vez.

SEGUNDA EDIÇÃO DO  
RPG DE MESA GURPS,  
LANÇADO NO BRASIL  
PELA DEVIR NOS ANOS 90







DUAS PÉROLAS DOS ANOS 80 NA LOJA:  
SÉRGIO MALLANDRO E O VIDEOGAME ATARI

Você foi um participante frequente e ativo dos karaokês que organizei no Sarau Tropical, e sua história com karaokês vem de antes disso. Como é para você a experiência de cantar? Qual o papel da música na sua vida? Conta também sobre a zine que você fez há quase 30 anos dedicada à banda U2?

Em 1987 descobri o LP “The Joshua Tree” do U2 na casa de um amigo. Como não se render a canções como “Where the streets have no name”, “I still haven't found what I'm looking for” e “With or without you”? A capa toda preta com detalhes dourados, aquela foto em preto e branco do grupo no deserto, davam (sei lá se posso dizer isso) um tom “honesto” ao que estava ouvindo. Curioso isso de como a música pode se ligar à imagem, ou texto. No livro que acabei de escrever, há um trecho no qual seria impensável não associar música e imagem, tanto que sugiro o leitor ouvi-la durante a leitura. De qualquer forma, o álbum me conquistou. Imediatamente comprei uma fita cassete da TDK, e meu amigo gravou ele para mim.

No ano seguinte, um conhecido da rádio conseguiu para nosso grupo de amigos um cassete com a gravação de “Rattle and Hum”, disco do U2 de 1988, antes de vermos o vinil nas lojas locais. Essas fitas eram muito populares e práticas. Vez por outra, encomendava na Ronar Discos, na galeria Wanderley, a gravação alguns hits da época das domingueiras do clube ACD, para que ouvisse em casa.

Numa outra ponta, alguns amigos meus escutavam musica mais “pesada”. E devo admitir. Sempre tive uma queda pelo heavy meal, speed metal, ou seja lá de que você quiser chamar. Portanto, era normal me encontrar ouvido bandas como Helloween, Iron Maiden, Viper, Megadeth, Nuclear Assault, Sarcófago, Testament, Alice Cooper, Sepultura. Esta última, aliás, enfeitava meu quarto com alguns pôsteres. Logotipos das bandas eram frequentes nos cadernos escolares.

Quando a banda mineira Holocausto veio tocar em Colatina, no inicio de 1990, eu os acompanhei até a rádio para darem entrevista e, lógico, curti a apresentação deles na boate local. Cheguei a escrever algumas músicas com essa pegada do rock pesado, como “Mortify from the sky”, cujos acordes inventava no violão.

Marcou muito o ano de 1993, quando estava morando em Parque das Gaivotas, Vila Velha, fazendo cursinho no Nacional, e o U2 lançou Zooropa. Durante as aulas de inglês, sentava com o professor no tablado e traduzíamos juntos o encarte do LP! Ninguém prestava muita atenção a essa aula, então foi bom preenche-la com algo útil.

Uma surpresa grande foi em 1998, quando estava em Nova Almeida e vi um cartaz da Skol anunciando o show do U2 no Brasil. Consegui entrar numa excursão de um fã-clube do Rio Grande do Sul, e juntos fomos para os shows no Rio e São Paulo. Quase perdi o ônibus pois

carregava uma enorme bandeira branca escrita com “Welcome U2”. (risos)

A partir de 1999 criei meu próprio fã-clube, o “U2 Vitória”, e estive junto com os fundadores da banda Dublin, cover do U2 na capital. Ajudei a organizar um show em Jardim da Penha, no qual vendia o fanzine e camisas do fã-clube.

Fanzine este foi parar nas mãos do guitarrista do U2, quando em novembro de 2000 estive no Projac para um pocket show para 400 pessoas. Na época, a equipe da TV Gazeta local, a pedido do Fantástico, esteve em minha casa para gravar uma entrevista sobre o fã-clube e minha coleção da banda. Daí veio o convite para participar daquele show exclusivo, e escolhi alguns fãs para irem junto. Coisa inesquecível!



IMAGEM DA ENTREVISTA PARA O FANTÁSTICO  
(NOVEMBRO DE 2000, VITÓRIA - ES)



Bom, histórias do U2 tenho várias, ficaríamos horas falando disso. (risos)

Mudando de assunto, juro que tentei tocar algum instrumento: violão, guitarra, teclado, até violino. Cheguei a fazer teste para cantar na Dublin, mas não rolou...

Retomei a tentativa de cantar no final da década passada. Tinha comprado em São Paulo uma caixa de som que veio, por acaso, acompanhada de dois microfones sem fio. Sempre nas festas, um ou outro se arriscava no karaokê... E assim foi. Caiu na graça de todos, e passou a ser rotina nos encontrarmos para “fazer um karaokê”, coisa que acontece até hoje.



LEÔNIDAS, ZIÃO, AUGUSTO E ALEX NO ENSAIO PARA O LANÇAMENTO DO LIVRO "CONTOS DO IMPOSSÍVEL 2" NO QUAL OS AUTORES CANTARAM MÚSICAS NO KARAOKÊ

# CADERNO DOIS

## NESTA EDIÇÃO

### ARTE

#### Grandes mestres

Dozentas obras de nomes como Di Cavalcanti, Portinari, Leão Pinheiro e Burtel Marx estão em exposição e serão leiloadas

Página 3

### LIVROS



#### Crônica de um safári

Verdade no Amanhecer, reeditado em homenagem ao centenário de nascimento de Ernest Hemingway, sai em português

Página 4

### DISCOS

#### Guitarra cabalística

O mestre das cordas, Steve Vai, lança *The 7th Song*, uma compilação de suas últimas canções de seus sete álbuns

Página 5



## FÃS de carteirinha

Prática de organizar fãs-clubes de vários artistas cresce entre os jovens; para psicólogo, culto ao ídolo tem pontos positivos e negativos

por José Roberto S. Neves

Podia-se tratar de uma nova febre ou mesmo de um movimento organizado. Mas o fato é que o número de fãs-clubes capixabas, antes restrito a um seleto grupo de jovens, praticamente triplicou nos últimos cinco anos.

Essa reflexão e pluralidade da juventude local, capaz de reconhecer um fenômeno como um movimento e não apenas um hobby, está refletida no crescimento dos fãs-clubes internacionais, como o U2, até duplas locais como Sandy & Junior e bandas locais, como a Ke do Lixo, Rastacore e Sininho.

A diferença é que o U2, em 2000, faz 10 anos de criação, enquanto a Ke do Lixo, Rastacore e Sininho, que se criaram para sobreviver em meio ao U2, Vânia e outros, migraram seus integrantes para a Internet e funcionam como filiais de uma entidade oficial.

É o caso do U2 clube Beleza Para, da cantora Ivete Sangalo. Com sede em Belo Horizonte, já conta com mais de 1.500 associados em todo o Brasil e possui ramificações na França, Alemanha e Itália.

Por aqui, é comandado pela

internaautista Fernanda Farias, Juliana Hartmann, Heloísa Brito, Wagner Weber e Fabiano Cavaliere.

Sempre que possível, as paradas acontecem em locais que tenham a ver com o estilo de vida dos integrantes. "A gente já nos conhece. Quando estamos em situação para a entrada, ela com certeza é positiva para a gente", diz Poliana, lembrando que a carteira continua funcionando na organização dos aeroportos a partir da cantora. "A gente acha o custo dele, como o pessoal da produção nos conhece, vamos sempre bem recebidos".

Para Thais Vazquez, 16, componente do U2 clube Beleza Para, o grupo Rastacore é um dos mais legais e a gente fica feliz em assistir a crescer", diz.

Porém, há críticos, no entanto, que questionam a prática. O U2 Vânia, fundada em 1998 por Antônio Augusto Bernardes, 26, o U2 Vânia, que possui uma página no site de fãs, diz que a prática de organizar fãs-clubes é uma forma de

para a indústria, durante a passagem da banda pelo Brasil, no dia 21 de novembro.

O contra-ponto da produção do programa, depois que Augusto Bernardes, 26, o U2 Vânia, fundada em 1998 por Antônio Augusto Bernardes, 26, o U2 Vânia, que possui uma página no site de fãs, diz que a prática de organizar fãs-clubes é uma forma de

para a indústria, durante a

passagem da banda pelo Brasil, no dia 21 de novembro.

publicado na coleção *Primitivos* (191, Brasília), conta que o primeiro livro, *Primitivos*, de 191, de que se tem notícia foi publicado há 67 anos por Ral Palmer. Chamado *The Zent* e era dedicado à ficção científica.

Data o psicólogo Antônio Ilino de Oliveira Martins, mestre em Psicologia Social e da Personalidade e diretor do Instituto Gestalt de Psicologia, ser há implicações em vantagens e desvantagens.

"O D-club é uma proposta de um projeto que se propõe a ser um espaço de estudos que ofereça uma perspectiva e uma visão de mundo, de uma forma que o clube é um espaço onde se encontram pessoas de todas as idades, incluindo os intelectuais. As pessoas se encontram e conversam e isso também é bom", afirma.

O psicólogo enumera vários pontos positivos de um fãs-club, como o intercâmbio de experiências, o convívio social, a mobilização e o espaço para realizar um trabalho comum. "Ter um líder é positivo quando o vemos como um mentor para alcançarmos sucesso na sociedade", avalia Ilino. O projeto consiste em a promoção do D-club e o clube espera-se em si mesma.

"Nesses casos, o D-club mobiliza e passa a viver uma história, esquecendo-se de si próprio".

### RENOVAÇÃO

Comentários dos fãs-clubes Beleza Para, de Ivete Sangalo, e Casadinho, do grupo capixaba Rastacore: fãs do ano 2000 migraram para a Internet e funcionam como filiais das entidades oficiais, que conta com o apoio da equipe de produção dos artistas. Em todo o Estado, o número de fãs-clubes praticamente triplicou nos últimos cinco anos. A maioria é dedicada à música e reflete o perfil econômico da juventude

### ROTEIRO

**U2Vânia - Fãs-clubes do U2**  
E-mail: u2vânia@bol.com.br  
Tel: 325-6150

**Estadão - Banda Rastacore**  
Rua Rio Grande do Sul, 573, Praia de Costa, CEP: 20.001-270, Tel: 226-1038 e 229-2137

**Beleza Para - Ivete Sangalo**  
Rua Delaney Gomes, 135, 204, Mata da Prata, CEP: 20.065-360, Tel: 9944-5333. Site: www.belezapara.com.br

**Primitivos - Banda Sininho**  
Rua Dante Mello, 200, 20 A, Caxias, Vila Velha, ES, CEP: 29.010-000, Tel: 319-4848 e e-mail: primitivos@sininho.com.br

**Ke do Lixo - Fãs-clubes dos Rastacore**  
Av. Kintler, 220, Cx. Postal 31, CEP: 29.250-000, Domingos Martins, Tel: 266-1434 (Belo Horizonte)

**Via Pro Samba - Fãs-clubes de Dupla Nôva**  
Rua Nelson Monteiro, 122, Setor 2, Itaja, CEP: 29.108-710, Tel: 340-3960

**Batucada da Jôia - Manuêla**  
Rua Antônia, 13, Japara, Vila Velha, CEP: 29.023-020, Tel: 318-4132 e 012-8128. E-mail: batucadadajoa@uol.com.br

**Fãs-clubes da Banda Capixaba 500 Ma Rêves**  
Rua Itatambé, 15, Alegre, Vila Velha, Tel: 325-0119

**Fãs-clubes do Hip Hop**  
Rua Santa Luzia, 13, Jardim Tropical, Santa, CEP: 29.162-010, Tel: 240-1952 e 012-2117 (Flórida)

**Fãs-clubes Sandy & Junior World**  
Rua Augusta de Oliveira, 80, Coimbra, CEP: 29.025-520, Tel: 322-3035 (Itirapema)

**Fãs-clubes PI do Lixo Oficial 100%**  
Praça José Veloso, 20, Anil, Vila Velha, CEP: 29.110-150, Tel: 239-7414 e 9814-3480 (Rio de Janeiro)



### AVENTURA

Rafael Augusto, Flávia, Jure e Vitoria a turma do U2 clube Beleza Para, da cantora Ivete Sangalo. Com sede em Belo Horizonte, já conta com mais de 1.500 associados em todo o Brasil e possui ramificações na França, Alemanha e Itália.

**MIOLO**  
Fundado e Mantido por

Representação: **G. Barbosa Representações**  
Telefones: 299-5321 - Fax: 299-5296  
e-mail: gbarbosa@terra.com.br

MATÉRIA SOBRE O FÃ CLUBES DO CADERNO 2 DO JORNAL A GAZETA (VITÓRIA, ES, ANOS 2000)







# UM INSETO VEIO DE LONGE

HUGO REIS

Um inseto veio de longe  
De onde não houvesse Medeas ou Ulisses  
Ou talvez não houvesse nada além  
De Medeas ou Ulisses  
Passou por sobre mim  
    sem saber que tinha chegado  
Sem saber que não haveria eu de lhe dizer  
    nada sobre a natureza das coisas  
O céu é seu e e nosso agora  
E toda cartografia que me faz sonhar

HUGO REIS É UM POETA, MÚSICO E PSICÓLOGO  
NATURAL DE LINS (SP)



# CARTA DO EDITOR

Fazer as revistas da Tropicalversos é uma alegria, mas dá um trabalhão... São horas dedicadas a pesquisa, escrita, edição, seleção de imagens, conversas com autores, design, entrevistas, traduções...

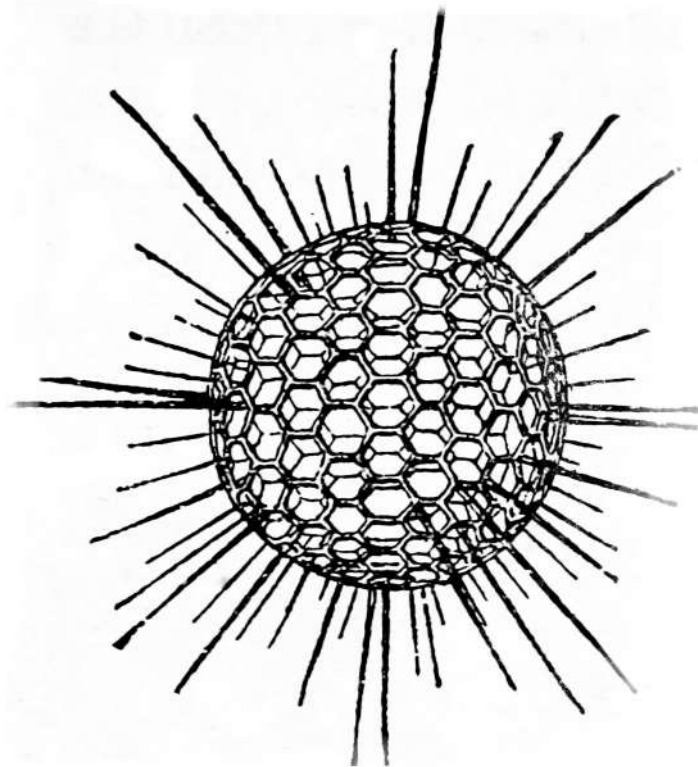
Apesar das vendas, dos apoios e matrocínios recebidos das mecenas, infelizmente o retorno financeiro das revistas tem sido insuficiente (ainda mais pra quem tem filho)...

Portanto, se você gostou de ler essa edição, e se considera que os trabalhos e publicações que faço pela editora Tropicalversos precisam continuar, considere:

- comprar uma cópia física da revista
- ou apoiar com qualquer valor  
pela chave pix [poetaziao@gmail.com](mailto:poetaziao@gmail.com)  
ou pelo [apoia.se/tropicalzin](https://apoia.se/tropicalzin)

Vida longa às artes! Evoé!

- Zião Clarice Dionísio



Obrigad@ pela leitura =)

Acesse outras obras em:  
**tropicalversos.com**

Apoie em: [apoia.se/tropicalzin](https://apoia.se/tropicalzin)

Envio de textos e compras:  
[instagram.com/zhionn](https://instagram.com/zhionn)

Pix:  
[poetaziao@gmail.com](mailto:poetaziao@gmail.com)



